



Etnobotânica das principais plantas medicinais comercializadas em feiras e mercados de São Luís, Estado do Maranhão, Brasil

Ethnobotany of the main medicinal plants commercialized in fairs and markets of São Luis, Maranhão State, Brazil

Etnobotánica de plantas medicinales comercializadas en las principales ferias y mercados de São Luís, Estado de Maranhão, Brasil

Jairo Fernando Pereira Linhares

Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista
Júlio de Mesquita Filho, Botucatu, São Paulo, Brasil

Elane Viana Hortegal

Hospital Universitário Presidente Dutra, São Luís, Maranhão, Brasil

Maria Ivanilde de Araujo Rodrigues

Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, Botucatu, São Paulo, Brasil

Paulo Sérgio Siberti da Silva

Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista
Júlio de Mesquita Filho, Botucatu, São Paulo, Brasil

RESUMO

O presente trabalho objetivou caracterizar o perfil dos comerciantes de plantas medicinais quanto às partes utilizadas, formas de preparo e modos de obtenção das plantas, bem como conhecer as etnoespécies com maiores concordâncias de citações de uso nos principais pontos de venda de plantas medicinais no Município de São Luís, Estado do Maranhão, Brasil. Como procedimentos metodológicos, foram aplicados questionários do tipo semiestruturado e fórmula própria do valor de consenso de uso das espécies para determinar a sua importância relativa. Constatou-se que a aquisição de conhecimento dos feirantes acerca das plantas medicinais ocorre principalmente por meio de feirantes mais experientes e que compram plantas de terceiros. A folha é a parte do vegetal mais utilizada. As principais citações de uso das etnoespécies foram: como anti-inflamatório, para gastrite e como calmante. Chá e banho foram os modos de preparo mais comuns das mesmas. As etnoespécies com maiores concordâncias de uso foram: *Myracrodropon urundeava* Fr. All., *Copaifera langsdorffii* Desf., *Bowdichia virgiliooides* Kunth., *Himatanthus* spp e *Ximenia americana* L.

Palavras-chave: Etnobotânica; Plantas Medicinais; Medicina Tradicional.

INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais é uma prática antiga da humanidade¹ e, ainda hoje, para muitos grupos étnicos e comunidades, simboliza a única forma de tratamento e cura de doenças².

O uso de vegetais medicinais é disseminado predominantemente de maneira informal por meio da medicina popular, que é fundamentada em um corpo de conhecimento transmitido pelas famílias e vizinhos de maneira prática, oral e gestual, não se comunicando com a instituição médica, e em que os mais novos

aprendem com os mais velhos uma função que, no futuro, será um de seus afazeres e uma das suas necessidades³.

Junto aos estudos etnobotânicos, técnicas quantitativas têm sido utilizadas para dar suporte ao pesquisador quanto à escolha de espécies botânicas com potencial de atividade farmacológica. Estas técnicas também se justificam pela conservação do conhecimento popular e das espécies avaliadas, sendo que quanto maior o uso da planta e/ou famílias, maior será a sua importância para a população dos informantes⁴.

Dentro deste contexto, o presente estudo teve como objetivos caracterizar o perfil dos comerciantes de plantas medicinais quanto às partes utilizadas, formas de preparo e modos de obtenção das plantas, bem como conhecer as etnoespécies com maiores concordâncias de citações de uso nos principais pontos de venda de plantas medicinais no Município de São Luís, Estado do Maranhão, Brasil.

Correspondência / Correspondence / Correspondencia:

Jairo Fernando Pereira Linhares
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Botucatu,
Fazenda Experimental Lageado
Rua José Barbosa de Barros, nº 1780. Bairro: Jardim Paraíso
CEP: 18610-307 Botucatu-São Paulo-Brasil
Tel.: +55 (98) 3236-1391
E-mail: jairoivini29@yahoo.com.br

MATERIAIS E MÉTODOS

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O trabalho de campo foi realizado no ano de 2007, no Município de São Luís, Estado do Maranhão, sendo os locais de estudo o Mercado Central, as feiras da Praia Grande, Cohab-Anil, de São Cristóvão e a feira do João Paulo.

PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Foram aplicados questionários do tipo semiestruturado⁵ em 21 feirantes que comercializam plantas medicinais nos cinco pontos de estudo.

Na primeira parte do questionário buscou-se a caracterização do perfil dos feirantes quanto à naturalidade, idade, gênero, escolaridade, aquisição do conhecimento e o grau de importância da comercialização na composição da renda.

A segunda parte consistiu na coleta de dados sobre o conhecimento e utilização das plantas medicinais, quanto às partes utilizadas, formas de preparo e modos de obtenção das plantas.

IDENTIFICAÇÃO BOTÂNICA DAS ESPÉCIES

Para identificação das plantas foram feitas consultas à literatura especializada, e os nomes científicos foram corroborados utilizando-se livros sobre plantas medicinais, periódicos, trabalhos monográficos e outros.

Os nomes dos autores das nominatas das espécies foram abreviados conforme obra de referência específica⁶.

VALOR DE CONSENTO DE USO DAS ESPÉCIES

A determinação da importância relativa das espécies comercializadas pelos feirantes e a concordância dos usos (CUP)⁵ foram obtidas de acordo com a fórmula 1:

$$(1) \text{ CUP} = \frac{\text{Número de entrevistados que citaram usos principais} \times 100}{\text{Número de entrevistados que citaram o uso das espécies}}$$

O resultado encontrado é multiplicado por um fator de correção (FC) correspondente ao número de informantes que mencionaram cada espécie, dividido pelo número de informantes que citaram a espécie mais apontada, como observado na fórmula 2:

$$(2) \text{ FC} = \frac{\text{Número de entrevistados que citaram a espécie}}{\text{Número de entrevistados que citaram a espécie mais citada}}$$

A CUP corrigida (CUPs) é calculada da seguinte forma: CUP x FC.

Para efeito deste estudo, somente foram consideradas as plantas citadas por no mínimo quatro informantes (19,04%) e que apresentaram as maiores CUPs.

RESULTADOS

PERFIL DOS FEIRANTES

Quanto à naturalidade dos 21 feirantes (Tabela 1), a maioria (85,6%) é nativa do Estado do Maranhão, e de acordo com a classificação das regiões fisiográficas

do Estado, descrita em 1991 pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Turismo (SEMATUR), por meio da publicação intitulada, "Diagnóstico dos principais problemas ambientais do Estado do Maranhão", ficou distribuído o quantitativo dos feirantes do seguinte modo: 43% nasceram na região do Litoral do Estado, predominantemente no Município de São Luís (23,8%); seguida pelas regiões da Baixada (19,2%); dos Cerrados (18,6%); e dos Cocais (4,8%). A minoria dos entrevistados é proveniente de outros estados, sendo eles o Pará (9,6%) e o Ceará (4,8%).

Tabela 1 – Distribuição percentual da naturalidade dos 21 entrevistados no Mercado Central e nas feiras da Praia Grande, da Cohab-Anil, de São Cristóvão e do João Paulo. Município de São Luís, Estado do Maranhão, Brasil – 2007

Município-Estado	Região fisiográfica	Número de feirantes	%
São Luís-MA	Região do Litoral	5	23,8
Coronel-MA	Região dos Cerrados	2	9
Rosário-MA	Região do Litoral	1	4,8
Cantanheze-MA	Região dos Cerrados	1	4,8
Pinheiro-MA	Região da Baixada	1	4,8
Cajapió-MA	Região da Baixada	1	4,8
Iguáiba-MA	Região do Litoral	1	4,8
São João Batista-MA	Região da Baixada	1	4,8
Santo Amaro-MA	Região do Litoral	1	4,8
Cedral-MA	Região do Litoral	1	4,8
Viana-MA	Região da Baixada	1	4,8
Itapecuru-MA	Região dos Cerrados	1	4,8
Pedreiras-MA	Região dos Cocais	1	4,8
Tucuruí-PA	Não se aplica	1	4,8
Boa Viagem-CE	Não se aplica	1	4,8
Belém-PA	Não se aplica	1	4,8
Total		21	100

MA: Estado do Maranhão; PA: Estado do Pará; CE: Estado do Ceará.

Observou-se, quanto à distribuição dos feirantes por faixa etária (Tabela 2), que 75% têm idades variando entre 30 e 69 anos; a maioria é constituída por homens (67%), com idades entre 23 e 82 anos. O percentual de mulheres entrevistadas foi de 33%, com idades variando entre 31 e 69 anos.

Quanto à escolaridade, constatou-se que a maioria não concluiu o ensino fundamental (33%) e 14% são analfabetos (Tabela 3).

Em relação à importância dada à venda de plantas medicinais na composição da renda familiar, quase metade (48%) dos feirantes vê na atividade a fonte de renda mais importante (Figura 1A).

Tabela 2 – Distribuição percentual das faixas etárias conforme o sexo dos 21 entrevistados no Mercado Central e nas feiras da Praia Grande, da Cohab-Anil, de São Cristóvão e do João Paulo. Município de São Luís, Estado do Maranhão, Brasil – 2007

Faixa etária	Sexo feminino	Sexo masculino	%
20 – 29	–	2	10
30 – 39	2	4	28
40 – 49	–	1	5
50 – 59	3	1	19
60 – 69	2	3	23
70 – 79	–	1	5
80 – 89	–	2	10
Total	7	14	100

Tabela 3 – Escolaridade e formas de aquisição do conhecimento sobre plantas medicinais dos 21 entrevistados no Mercado Central e nas feiras da Praia Grande, da Cohab-Anil, de São Cristóvão e do João Paulo. Município de São Luís, Estado do Maranhão, Brasil – 2007

Escolaridade	Frequência	%
Ensino fundamental incompleto	7	33
Ensino médio completo	6	29
Ensino fundamental completo	3	14
Analfabeto	3	14
Ensino médio incompleto	2	10
Total	21	100

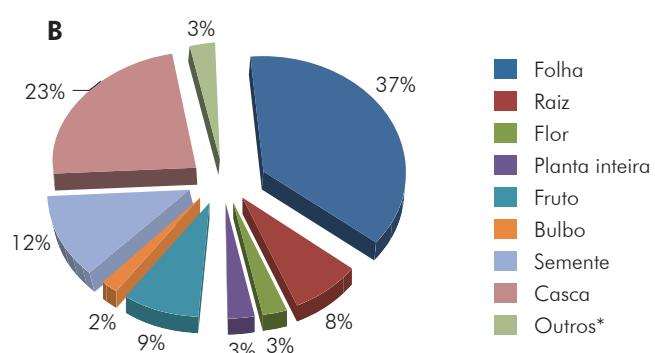
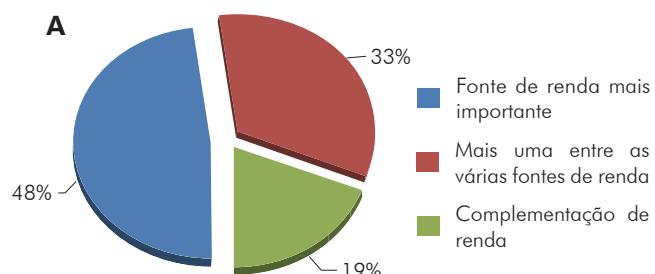
Origem do conhecimento	Frequência	%
Feirantes mais experientes	9	42
Pessoas mais velhas na comunidade	4	19
Outros	4	19
Pai	2	10
Mãe	2	10
Total	21	100

Quanto às formas de aquisição de conhecimentos sobre plantas medicinais (Tabela 3), observou-se que o conhecimento sobre as plantas foi adquirido predominantemente dos feirantes mais experientes.

PARTES USADAS, FORMAS DE PREPARO E MODOS DE OBTENÇÃO DAS PLANTAS

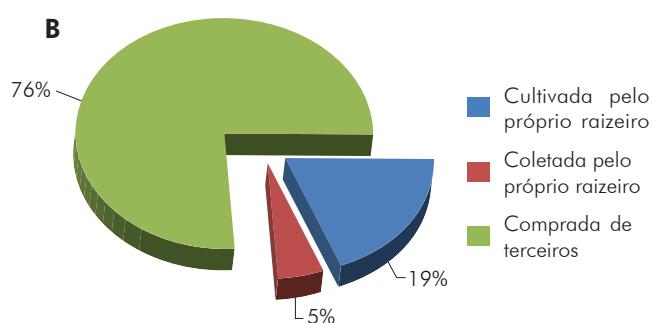
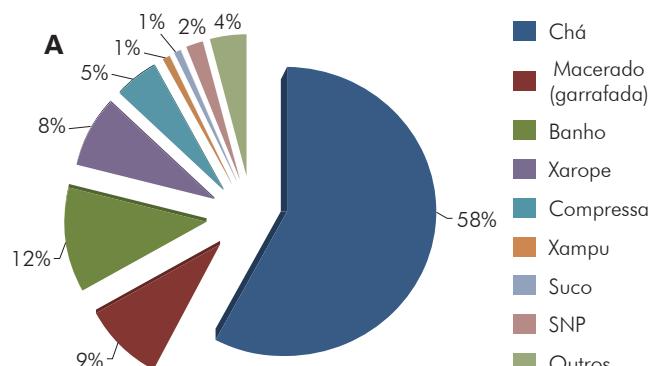
Levando em conta as partes vegetais usadas pelos feirantes (Figura 1B), a folha é a parte do vegetal mais utilizada (37%), seguindo-se da casca, com 23% das citações de uso.

Para as formas de preparo (Figura 2A), observa-se que o principal modo foi o chá (58%), seguido de banho (12%).



* Outros: Haste, parte lenhosa, seiva, tubérculos e galhos.

Figura 1 – A importância das plantas medicinais na composição da renda familiar (A) e as partes vegetais usadas (B) pelos 21 entrevistados no Mercado Central e nas feiras da Praia Grande, da Cohab-Anil, de São Cristóvão e do João Paulo. Município de São Luís, Estado do Maranhão, Brasil – 2007



Snp: Sem necessidade de preparo; Outros: Pó, bocheço, defumador e massagem.

Figura 2 – Modo de preparo da planta para a sua utilização (A) e formas de obtenção das plantas medicinais (B) segundo 21 entrevistados no Mercado Central e nas feiras da Praia Grande, da Cohab-Anil, de São Cristóvão e do João Paulo. Município de São Luís, Estado do Maranhão, Brasil – 2007

Quanto às formas de obtenção das plantas medicinais (Figura 2B), observou-se que a maioria dos feirantes adquiriu plantas de terceiros (76%) e apenas 24% informaram cultivar ou coletar as plantas comercializadas.

VALOR DE CONSENSO DE USO DAS ESPÉCIES

Acerca do consenso entre os feirantes sobre a utilização e formas de preparo das plantas medicinais (Tabela 4), foram levantadas 138 etnoespécies em 400 citações. Mas observou-se que apenas duas das 33 etnoespécies mais citadas apresentaram porcentagem de concordância quanto aos usos principais - CUPs acima de 50%.

A utilização das plantas ocorreu da seguinte forma: como anti-inflamatório, com 21,2%; para gastrite e como calmante, com 9,1% cada; para diabetes, como antigripal, estimulante sexual, expectorante e para dores musculares, com 6,0% cada; para ferimentos, contra mau-olhado, para o tratamento de doenças hepáticas, como depurativo, vermífugo e laxante, para reumatismo, derrame, anemia e infecção intestinal, com 3% cada.

Tabela 4 – Valor de consenso quanto aos usos principais de etnoespécies citadas por, no mínimo, quatro feirantes no Mercado Central e nas feiras da Praia Grande, da Cohab-Anil, de São Cristóvão e do João Paulo. Município de São Luís, Estado do Maranhão, Brasil – 2007

Etnoespécie	Nome científico	Uso principal	ICUE	ICUP	CUP	FC	CUPs
Açoita-cavalo	<i>Luehea divaricata</i> Mart.	Anti-inflamatório	9	5	55,5	0,52	28,86
Alcachofra	<i>Cynara scolymus</i> L.	Diabetes	7	5	71,4	0,41	29,2
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Antigripal	8	5	62,5	0,47	29,3
Alfazema	<i>Lavandula officinalis</i> Chaix e Kitt.	Calmante	6	4	66,6	0,35	23,3
Ameixa silvestre	<i>Ximenia americana</i> L.	Gastrite	12	7	58,3	0,7	40,8
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Ferimento	9	5	55,5	0,52	28,86
Angico	<i>Anadenanthera macrocarpa</i> Benth.	Expectorante	4	2	50	0,23	11,5
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Fr. All.	Anti-inflamatório	17	11	64,7	1	64,7
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Mal-olhado	4	2	50	0,23	11,5
Barbatimão	<i>Stryphnodendron coriaceum</i> Benth.	Anti-inflamatório	9	6	66,6	0,52	34,6
Boldo do Chile	<i>Coleus barbatus</i> L.	Hepático	6	3	50	0,35	17,5
Camomila	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	Calmante	5	3	60	0,29	17,4
Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Calmante	7	3	42,8	0,41	17,5
Carqueja	<i>Baccharis trimera</i> (Less.) D.C.	Depurativo	4	2	50	0,23	11,5
Catuaba	<i>Anemopaegma mirandum</i> D.C.	Estimulante sexual	5	3	60	0,29	17,4
Copaíba	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Anti-inflamatório	13	10	76,9	0,76	58,4
Eucalipto	<i>Eucalyptus</i> sp.	Antigripal	4	2	50	0,23	11,5
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> L.	Anti-inflamatório	5	3	60	0,29	17,4
Gergelim-preto	<i>Sesamum indicum</i> D.C.	Derrame	6	3	50	0,35	17,5
Ipê-roxo	<i>Tabebuia</i> sp.	Anti-inflamatório	5	5	100	0,29	29
Janaúba	<i>Himatanthus</i> spp.	Gastrite	11	7	63,6	0,64	40,7
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Anemia	12	4	33,3	0,7	23,3
Jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Estimulante sexual	10	3	30	0,58	17,4
Mamona	<i>Ricinus communis</i> L.	Dores musculares	8	4	50	0,47	23,5
Pau-tenente	<i>Picrasma crenata</i> (Vellozo) Engler	Diabetes	9	4	44,4	0,52	23
Piqui	<i>Caryocar brasiliensis</i> Camb.	Expectorante	8	4	50	0,47	23,5
Quina	<i>Cinchona</i> spp.	Infecção intestinal	4	2	50	0,23	11,5
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	Vermífugo	5	3	60	0,29	17,4
Santa-quitéria	<i>Bryophyllum pinnatum</i> Kurz.	Gastrite	4	4	100	0,23	23
Sene	<i>Cassia angustifolia</i> Vahl.	Laxante	9	4	44,4	0,52	23
Sucupira preta	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth.	Anti-inflamatório	11	8	72,7	0,64	46,5
Unha-de-gato	<i>Uncaria tomentosa</i> (Willd. ex Roem. e Schult.) D.C.	Dores musculares	5	2	40	0,29	11,6

ICUE: número de informantes que citaram o uso da espécie; ICUP: número de informantes que citaram os usos principais; CUP: porcentagem de concordância quanto aos usos principais; FC: fator de correção; CUPs: CUP corrigida.

As plantas mais citadas foram: aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Fr. All. - Anacardiaceae) citada por 17 feirantes e a copaíba (*Copaifera langsdorffii* Desf. - Fabaceae) citada por 13 feirantes. Entretanto, as plantas com maior número de usos terapêuticos relacionados foram alcachofra (*Cynara scolymus* L. - Asteraceae) e a canela (*Cinnamomum zeylanicum* Blume - Lauraceae).

O valor de CUPs é, geralmente, mais baixo que o valor de CUP, pois se refere à planta com maior quantidade de citações pelos feirantes. Notou-se que a aroeira foi a etnoespécie que apresentou a CUPs mais alta, com 64,7% de concordância quanto ao seu uso principal para inflamação, seguida da copaíba, com CUP igual a 58,4%, como anti-inflamatório. As demais etnoespécies apresentam o valor de CUPs bem abaixo de 40%, exceto a sucupira preta (*Bowdichia virgilioides* Kunth. - Fabaceae) com 46,5%, a janaúba (*Himatanthus* spp. - Apocynaceae) com 40,7% e a ameixa silvestre (*Ximenia americana* L. - Olacaceae) com CUPs igual a 40,8%.

Notou-se, ainda, que algumas etnoespécies como a santa-quitéria (*Bryophyllum calycinum* Salisb. - Crassulaceae) e o ipê-roxo (*Tabebuia* sp. - Bignoniaceae) apresentaram CUP igual a 100% porém poucos feirantes citaram seus usos principais, que são para tratamento de gastrite e como anti-inflamatório, respectivamente, não obstante, todos os feirantes concordaram com os mesmos usos terapêuticos, nas formas de sumo das folhas e de chá, respectivamente. Porém estes valores diminuíram para menos de 30% na CUPs quando o fator de correção as comparou com a planta mais citada, neste caso, a aroeira, citada por 17 entrevistados.

Das 33 espécies que apresentaram pelo menos quatro feirantes citando-as, apenas 15,1% apresentaram a CUP inferior a 50%. A aroeira, etnoespécie mais citada, teve como uso principal o tratamento para a inflamação, possuindo uma CUP de 64,7%, demonstrando a porcentagem de entrevistados que concordaram com seu uso terapêutico. A copaíba, a segunda espécie mais citada, apresentou também uma CUP alta. De todos os informantes que a citaram, 76,9% concordaram com seu uso terapêutico anti-inflamatório. Essa espécie permanece com alto valor de CUPs (58,4%).

O jucá (*Caesalpinia ferrea* Mart - Fabaceae) foi indicado como estimulante sexual, sendo este seu uso principal e foi citado por uma porcentagem significativa de entrevistados; entretanto, apresentou uma CUP baixa (30%), o que significou um alto índice de discordância para esse fim terapêutico.

A CUP para a alcachofra, espécie que apresentou uma das maiores CUP (71,4%), diminuiu para apenas 29,2%, da mesma forma ocorreu com a santa-quitéria e o ipê roxo, que apresentaram os maiores valores de CUP (100%), porém com uma CUPs de apenas 23% e 29%, respectivamente.

DISCUSSÃO

Nos dias atuais, a utilização de plantas medicinais no Brasil está relacionada principalmente às dificuldades encontradas, sobretudo nas comunidades rurais, em acessar os serviços básicos de saúde e, por conseguinte, os medicamentos industrializados⁷. Esta situação aplica-se, portanto, ao resultado do atual estudo, em que a naturalidade dos entrevistados (Tabela 1) pode indicar que o conhecimento tradicional manteve-se em razão das respectivas regiões de origem serem pobres, onde o uso de plantas medicinais muitas vezes é a principal forma para o tratamento de doenças. Partindo desta perspectiva, de regiões compostas predominantemente por comunidades de baixa renda, aponta-se para a importância da existência dos raizeiros nestes locais⁸.

Em relação à faixa etária dos feirantes e sua relação com o conhecimento tradicional local, observou-se que a maioria deles (90%) (Tabela 2) encontrava-se distribuída entre 30 e 89 anos de idade.

A detenção do conhecimento tradicional por pessoas mais velhas se explicaria: (i) pelo fato do maior número de oportunidades que os mesmos tiveram para aprender

sobre plantas medicinais e o seu uso terapêutico; (ii) por sua maior experiência e contato com estes recursos; e (iii) sua maior suscetibilidade às doenças, em comparação com as pessoas mais jovens, o que contribui para o contato com plantas medicinais nas regiões onde vivem⁹.

Como enfatizado anteriormente, o conhecimento a respeito de plantas medicinais é o resultado da relação das comunidades humanas com o seu ecossistema e o seu ambiente cultural em função do tempo. Nesse sentido, foi feito um estudo sobre a mudança cultural e a perda de conhecimento etnoecológico entre os zapotecas, no México¹⁰, o qual demonstrou que o desenvolvimento cultural e educacional têm transformado a relação do homem com a natureza, e que os programas formais de educação tendem a marginalizar o conhecimento botânico, provocando mudanças em atitudes culturais, estimulando, por exemplo, o estilo de vida urbano e o afastamento do indivíduo da natureza, gerando o seu desinteresse pelo ambiente natural e, também, reduzindo as oportunidades de conhecimento de sua flora local. Como consequência, muitas vezes o conhecimento etnobotânico acaba sendo preservado por pessoas de nível de formação educacional baixo, como foi o observado no atual estudo, onde a maioria dos feirantes (33%), detentores do conhecimento sobre plantas medicinais, não concluiu o ensino fundamental (Tabela 3). A afirmação deste estudo também corrobora pesquisa realizada com raizeiros nas feiras livres e mercados da cidade de Campina Grande, Estado da Paraíba¹¹, na qual se constatou que o maior percentual dos confeccionadores sobre plantas medicinais (55,8%), era constituído por analfabetos.

Em relação à importância econômica que a venda de plantas medicinais tem na composição da renda familiar dos feirantes, averiguou-se que a atividade proporciona melhora nas suas condições socioeconômicas (Figura 1A). Essa realidade também pode ser observada em outros países em desenvolvimento, como o Brasil. Estudos realizados em comunidades rurais do Paquistão^{12,13} constataram que a maioria dos entrevistados comercializavam plantas medicinais como fonte de renda.

Quanto ao modo de aquisição de conhecimento sobre plantas, observou-se que nos pontos de venda de plantas medicinais estudados, o processo de transmissão de conhecimento utilizado pelos feirantes mais experientes (Tabela 3) seja baseado, principalmente, na confiança ou no conhecimento prévio do aprendiz. Isto pode estar relacionado à importância do processo sucessório neste tipo de comércio, uma vez que os feirantes mais maduros prezam pela manutenção da qualidade do seu conhecimento e a sua transmissão ao próximo. Os dados obtidos no presente estudo coincidem com o estudo sobre o perfil dos raizeiros no Município de Campina Grande, Paraíba¹¹, onde 44,2% dos entrevistados disseram ter aprendido sobre plantas com feirantes mais experientes.

Pesquisas realizadas em feiras no Município de Arapiraca (Alagoas), no nordeste brasileiro, relacionaram um total de 107 plantas medicinais comercializadas. Não obstante, os autores da pesquisa atribuem os resultados obtidos à localização da região, com ocorrência de espécies de caatinga e mata atlântica, e a grande diversidade cultural é justificada pelas fortes influências africana e indígena¹⁴.

Embora, no Estado do Maranhão, circunscrito em região de grande tensão ecológica, entre os principais biomas brasileiros (Amazônia, cerrado, caatinga e região litorânea), e possuidor de grande diversidade cultural, foram levantados 138 espécies medicinais comercializadas nas feiras e mercados de São Luís.

A parte das plantas mais citadas pelos feirantes no preparo de remédios, a folha foi a parte destacada pelos entrevistados (Figura 1B). Outros estudos, realizados em seis estados brasileiros (Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Paraná, Mato Grosso, Rondônia e Rio de Janeiro)^{15,16,17,18,19,20}, também apontam a folha como a parte vegetal mais utilizada, e a ingestão dos preparados na forma de chá faz parte do cotidiano da maioria dos feirantes, sendo o modo predominante de uso, corroborando com o atual estudo (Figura 2A). Não obstante, esse resultado não coincide com estudos realizados com raizeiros no Município de Caruaru, Estado de Pernambuco²¹, onde foi citada a casca do caule como a parte mais utilizada (35%), seguida da folha (27%). Resultados também discordantes foram obtidos em citações de raizeiros em Barra do Piraí, no Estado do Rio de Janeiro, onde a planta inteira representou 54%, e a folha (34%)²².

O predomínio no uso da folha ou da casca das plantas muitas vezes está relacionado ao ambiente de ocorrência. Ambientes como a caatinga, por exemplo, onde o clima é quente e com prolongados períodos de seca, apresentam, na maior parte do ano, uma vegetação sem folhas, do tipo caducifólia. Desta forma, o uso da casca torna-se comum entre as comunidades locais. Já em ambientes como o da Mata Atlântica ou de cerrado, o uso da folha é comum, por ser a vegetação, nesses ambientes, do tipo perenifólia, permitindo acessos regulares às folhas, ficando

somente os frutos e flores sujeitos à sazonalidade, em ambas as tipologias vegetacionais. Portanto, é a maior disponibilidade das partes da planta ao longo do ano que define a preferência pelas comunidades locais.

Em relação às formas de obtenção das plantas medicinais comercializadas em mercados e feiras livres no Estado da Paraíba¹¹, indica que a compra apareceu como a principal forma de obtenção das plantas para 90,7% dos entrevistados, contra apenas 7% dos que coletam as plantas. Situação oposta foi verificada no Estado do Rio de Janeiro, onde o cultivo representou 52,8% das formas de obtenção das plantas medicinais²³. Todavia, para se inferir sobre as formas de obtenção das plantas medicinais comercializadas em feiras e mercados no país, precisaria haver um levantamento sistêmico que levasse em conta, além das questões regionais, questões fundiárias, culturais, e por último, questões referentes à origem e disponibilidade das plantas nativas ou exóticas.

CONCLUSÃO

Os entrevistados foram, em sua maioria, do sexo masculino, nativos da região do Litoral de São Luís, Estado do Maranhão, com idades variando entre 30 e 89 anos. A maioria dos feirantes declarou que a principal forma de conhecimento adquirido acerca das plantas medicinais ocorre por meio de feirantes mais experientes, e que compram plantas de terceiros (76%). Além disso, quase metade (48%) dos entrevistados vê na atividade de venda de plantas medicinais a fonte de renda mais importante na composição da renda familiar. A folha é a parte da planta mais utilizada (37%), seguida pela casca (23%). Das 33 etnoespécies citadas por pelo menos quatro feirantes, apenas 15,1% apresentam concordância inferior a 50%. As principais citações de usos das etnoespécies foram: como anti-inflamatória, para gastrite e como calmante. Os modos de preparo mais comuns das plantas foram sob as formas de chá (58%) e banho (12%). As etnoespécies com maiores concordâncias de usos foram a *M. urundeuva* Fr. All., *C. langsdorffii* Desf., (*B. virgilioides* Kunth.), *Himatanthus* spp. e *Ximenia americana* L.



Ethnobotany of the main medicinal plants commercialized in open markets and market places of São Luís, Maranhão State, Brazil

ABSTRACT

This study aimed to characterize the profile medicinal plant traders regarding the parts used, preparation methods and ways of obtaining plants, and find out the species with highest concordance quotes of use in the main selling points of medicinal plants in São Luís, Maranhão State, Brazil. As methodological procedures were applied semi-structured questionnaires and a specific formula i of the consensus value of species to determine their relative importance. It was discovered that the acquisition of knowledge about medicinal plants occurs mainly by the most experienced marketers and the ones who buy plants from third party sellers. The leaf is the most used part of the plant. The main ways to the use of the ethnospieces were: as anti-inflammatory, for gastritis and as sedative and its most common methods of preparation were tea and bath. The ethnospieces with the greatest agreement of use were: *Myracrodroon urundeuva* Fr. All., *Copaifera langsdorffii* Desf., *Bowdichia virgilioides* Kunth., *Himatanthus* spp. and *Ximenia americana* L.

Keywords: Ethnobotany; Plants, Medicinal; Medicine, Traditional.

Etnobotánica de plantas medicinales comercializadas en las principales ferias y mercados de São Luís, Estado de Maranhão, Brasil

RESUMEN

El presente trabajo tuvo como objetivo caracterizar el perfil de los comerciantes de plantas medicinales en relación a las partes utilizadas, formas de preparación y obtención de las plantas, bien como conocer las etnoespecies con mayor número de coincidencias en citas sobre uso en los principales locales de venta de plantas medicinales, en el Municipio de São Luís, Estado de Maranhão, Brasil. Como procedimientos metodológicos se aplicaron cuestionarios semiestructurados y fórmula propia del valor de consenso del uso de las especies, con el fin de determinar la importancia relativa de las mismas. Se verificó que el conocimiento adquirido por los comerciantes sobre plantas medicinales ocurre, principalmente, por medio de otros comerciantes con más experiencia y que compran plantas a intermediarios. La hoja es la parte del vegetal más utilizada. Las principales citas de uso de las etnoespecies fueron como anti-inflamatorio, para gastritis y como calmante, y el modo de preparación más común fue en forma de té y baños. Las etnoespecies con mayores coincidencias de uso fueron: *Myracrodroon urundeuva* Fr. All., *Copaifera langsdorffii* Desf., *Bowdichia virgiliooides* Kunth., *Himatanthus* spp. y *Ximenia americana* L.

Palabras clave: Etnobotánica; Plantas Medicinales; Medicina Tradicional.



REFERÊNCIAS

- 1 Veiga VF Jr, Pinto AC, Maciel MAM. Plantas medicinais: cura segura? Quim Nova. 2005 mai-jun;28(3):519-28.
- 2 Veiga VF Jr, Pinto AC, Maciel MAM. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. Quim Nova. 2002 mai;25(3):429-38.
- 3 Alves SSJ, Morais RG. Etnobotânica de plantas medicinais. Anais do 1º Seminário Mato-Grossense de Etnobiologia e Etnoecologia; 2º Seminário Centro-Oeste de Plantas Medicinais; 2002; Cuiabá: Unicen; 2002. p. 89-98.
- 4 Vendruscolo GS, Mentz LA. Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil. Acta Bot Bras. 2006 abr-jun;20(2):367-82.
- 5 Albuquerque UP, Lucena RF. Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. 2. ed. Recife: Livro Rápido NUPPEA; 2004. 189 p.
- 6 Brummit RK, Powell CE, editors. Authors of plant names. London: The Royal Botanic Gardens, Kew; 1992. 732 p.
- 7 Christo AG, Guedes-Brunii RR, Silva AG. Local knowledge on medicinal plant gardens in a rural community near the Atlantic Rain Forest, southeastern Brazil. Rev Bras Farmacogn. 2010 Aug-Sep;20(4):494-501.
- 8 Fernández-Ibarguen M. Medicina tradicional: origen, evolución y perspectivas. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos; 1998. 240 p.
- 9 Silva FS, Ramos MA, Hanazaki N, Albuquerque UP. Dynamics of traditional knowledge of medicinal plants in a rural community in the Brazilian semi-arid region. Rev Bras Farmacogn. 2011 May-Jun;21(3):382-91.
- 10 Saynes-Vásquez A, Caballero J, Meave JA, Chiang F. Cultural change and loss of ethnoecological knowledge among the Isthmus Zapotecs of Mexico. J Ethnobiol Ethnomed. 2013;9(40):1-10.
- 11 Dantas IC, Guimarães FR. Perfil dos raizeiros que comercializam plantas medicinais no município de Campina Grande, PB. Rev Biol Cien Terra. 2006 jan-jun;6(1):39-44.
- 12 Ahmad I, Khan N, Anjum F. Medicinal plant resources for economic development of rural community in Mankial, District Swat, Pakistan. 16th World Environment Day; 2011 Jun; District Swat (PK): [publisher unknown]; 2011. p. 54-63.
- 13 Ali H, Sannai J, Sher H, Rashid A. Ethnobotanical profile of some plant resources in Malam Jabba valley of Swat, Pakistan. J Med Plants Res. 2011 Sep;5(18):4676-87.
- 14 Lós DWS, Barros RP, Neves JDS. Comercialização de plantas medicinais: um estudo etnobotânico nas feiras livres do município de Arapiraca-AL. Rev Biol Farm. 2012;7(2):38-51.
- 15 Merétika AHC, Peroni N, Hanazaki N. Local knowledge of medicinal plants in three artisanal fishing communities (Itapoá, Southern Brazil), according to gender, age, and urbanization. Acta Bot Bras. 2010 Apr-Jun;24(2):386-94.
- 16 Pereira ZV, Mussury RM, Almeida AB, Sangalli A. Medicinal plants used by Ponta Porã community, Mato Grosso do Sul State. Acta Sci Biol Sci. 2010;31(3):293-9.
- 17 Jacoby C, Coltro EM, Sloma DC, Muller J, Dias LA, Luft M, et al. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade rural de Guamirim, Município de Irati, PR. Rev Cienc Exatas Nat. 2002 jan-jun;4(1):79-89.
- 18 Amorozo MCM. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. Acta Bot Bras. 2002 abr;16(2):189-203.

- 19 Lima RA, Magalhães SA, Santos MRA. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas na cidade de Vilhena, Rondônia. Rev Pesq Criaçao. 2011 jul-dez;10(2):165-79.
- 20 Lopes GFG, Pantoja SCS. Levantamento das espécies de plantas medicinais utilizadas pela população de Santa Cruz – Rio de Janeiro - RJ. Rev Eletronica Nov Enf. 2013;16(16):62-80.
- 21 Almeida CFCBR, Albuquerque UP. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. Interciênciacia. 2002 jun;27(26):276-85.
- 22 Parente CET, Rosa MMT. Plantas comercializadas como medicinais no Município de Barra do Piraí, RJ. Rodriguesia. 2001;52(80):47-51.
- 23 Azevedo SKS, Silva IM. Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Acta Bot Bras. 2006 jan-mar;20(1):185-94.

Recebido em / Received / Recibido en: 1/3/2014
Aceito em / Accepted / Aceito en: 15/7/2014